

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Director Presidente*BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Director*J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Director Executivo*MAURO GUIMARÃES — *Director*FERNANDO PEDREIRA — *Redactor Chefe*MARCOS SÁ CORREA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Assistente***Síndrome de Brasília**

A nação pode se surpreender com o fato de que os constituintes ocuparão um espaço de 210 mil metros quadrados, suficiente para abrigar três estádios do Maracanã, mas, não Brasília. Porque, envolvida nos seus absurdos, a Capital Federal reage de maneira diferente. Nela é normal a fantasia, é compatível o exagero, é natural o privilégio, é corriqueira a sinecura.

Acabar com a variedade de privilégios era o compromisso das mudanças assumido em nome da Nova República, primeiro por Tancredo Neves e depois por José Sarney. Contudo, os privilégios resistiram e até prosperaram. No reino do seu irrealismo, Brasília instituiu o Congresso-fantasma, o das sessões com mais de duzentas presenças de direito e menos de 10 de fato para o fim de assegurar jantons. E despertou o vazio parlamentar com o voto de liderança.

Brasília concentra hoje praticamente tudo o que o país não mais deseja. Isolada, fechada em si mesma, egocêntrica e arrogante, a sede do poder se comunica com a sociedade apenas pela televisão. Não procura e nem está interessada em sintonizar com a nação. Daí o descompasso crescente entre Brasília e o Brasil real. Por isso a sua incapacidade de sentir a energia nacional.

A idéia de Brasília não encontrou na concepção arquitetônica uma solução à altura das necessidades da Federação. O seu objetivo original de descentralização tornou-se uma irônica evidência: o país chegou ao extremo da centralização com Brasília. O conceito de Juscelino Kubitschek era de uma cidade que resistisse às pressões, imune às turbulências. A última baderna desmente isso.

O paraíso burocrático falhou porque na natureza social ele não tem lugar. Vinte e seis anos depois, Brasília criou e cultivou problemas que não existiam antes. A inspiração federativa virou um colchão de vácuo. Abastecida por avião até de material de construção, a Capital pagava dois salários para atrair ao Planalto seu funcionalismo. Erigiu mansões ministeriais, distribuiu apartamentos, alimentou irregularidades.

O regime militar não teria sido viável se a Capital da República não vivesse isolada econômica, política e socialmente. Localizada numa área de baixa densidade industrial, com população dispersa, Brasília exerce um controle remoto da nação. O regime militar pôde durar tanto porque, fixado lá, permaneceu distante mentalmente do país. O próprio Presidente Sarney já confessou a experiência de dar ordens que não são cumpridas.

Brasília não recebe as ondas que se irradiam do país e também não as emite. É um isolamento em duas mãos. Não absorve o verdadeiro sentimento coletivo, da mesma forma que não o exprime. O tempo só agrava essa disfunção. A cidade foi tão abstrata na sua formulação (e assim ficou até tornar-se adulta) que nem se cogitou que nela houvesse eleição. O brasiliense não votava e nem era votado, até o dia 15 de novembro último.

Uma ficção maior que a ficção do voto durante o regime militar. Só agora, bafejada pelo processo democrático, Brasília começa a exercer o seu direito de sufrágio. O cidadão de Brasília, porém, normalmente desconfia do resto da sociedade, não se sente parte dela, nem parcela da opinião pública e sim de uma opinião que se diria burocrática. O espírito de Brasília é acima de tudo um espírito burocrático.

A postura da cidade é áulica, rebarbativa cortês. Brasília não aceita crítica, nem reparo vindo de fora, porque, insensível ao conjunto, para ela está tudo bem. Não produz a crítica tão comum nas relações sociais simplesmente porque não possui o dom crítico. E nisso reside sua síndrome. Brasília vê tudo igual e todas as coisas aos seus pés.

No curso dos anos, impedido de conviver com a crítica, o Executivo incorporou hábitos, vícios, costumes de privilégios sem perceber que isso afronta a nação. O autoritarismo, é claro, piorou esse quadro de insensibilidade, conivência e corrupção. O decreto secreto, fruto do sistema arbitrário, é um dos símbolos das distorções de Brasília. Mas, por que dois anos de regime democrático não acabaram com o decreto secreto? O mal, no caso, não é só do autoritarismo, é sobretudo do que encarna Brasília.

O autoritarismo foi sepultado há dois anos; e o que fez o Congresso Nacional? Não fez grande coisa, pelo contrário, fez piorar. O representante do povo em Brasília não quer saber das reações da sociedade. Impregnados da alma brasiliense, exportam maus exemplos, como o da aposentadoria parlamentar aos 8 anos de mandato ou o da pensão para os ex-governadores. Até o protocolo se deteriora em Brasília.

As vésperas da Constituinte, é salutar que a nação reflita sobre o seu estado atual e procure encontrar as causas de males que se institucionalizaram no seio das irrealidades praticadas por Brasília. E se pergunte, afinal, como é que o país agüenta Brasília, custeando as suas fantasias com empréstimos compulsórios ou com alterações na alíquota do Imposto de Renda. E se compenetre, enfim, de que é preciso pôr um basta a esse corporativismo caro para a nação.